

Prodecon investiga aborto

A Promotoria de Defesa do Consumidor (Prodecon) iniciou, ontem, investigação para apurar o que teria provocado o aborto em Lúcia Rodrigues Barbosa, ocorrido no Hospital Regional da Asa Norte (Hran).

Lúcia Barbosa, no sexto mês de gestação, estava no Conjunto Nacional quando sentiu tonturas e sangramento e buscou atendimento no hospital às 12h30 da última quarta-feira.

Ela foi medicada com substâncias que induzem ao aborto e entrou em trabalho de parto. O bebê nasceu às 13h30 e morreu uma hora depois.

O chefe da Ginecologia do Hran, Paulo de Tarso Alves, explicou que Lúcia recebeu o medicamento indicado para Lúcia de Jesus Santos, porque as fichas de atendimento das duas foram trocadas.

A empregada doméstica Lúcia Santos estava no segundo mês de gestação e chegou ao hospital em processo de aborto. O caso requeria medicação indutora de contração uterina e raspagem de útero.

Confusão — Não se sabe como

as fichas foram confundidas.

O pai de Lúcia Barbosa, o funcionário público José Mendes Barbosa, 48 anos, prestou queixa contra o hospital, ontem, no posto policial do Hran e na 2ªDP (Asa Norte).

Lúcia Barbosa, que mora em So-bradinho, contou que não foi atendida por nenhum médico. Ela e a irmã, Renata, 22, estavam na ala da ginecologia, quando Lúcia foi chamada para a enfermaria.

“Uma mulher de branco me chamou, eu pensei que fosse uma médica, mas disseram a minha irmã que era uma enfermeira, Márcia. As enfermeiras me trataram com muita grosseria”, detalhou Lúcia Barbosa.

Ela estranhou as insinuações das enfermeiras de que teria provocado um aborto. Na quinta-feira, às 9h30 Lúcia e Renata prestarão depoimento na 2ªDP.

A promotoria notificou Paulo de Tarso e a ginecologista Janice Valle para serem ouvidos no próximo dia 4. Janice atendeu as duas grávidas. Lúcia Santos e Lúcia Barbosa serão ouvidas no dia 13.